

MUSEUS E ACESSIBILIDADE: UMA TEMÁTICA CONTEMPORÂNEA

INTRODUÇÃO

Relações de memória, “mnemóticas”, são feitas constantemente por todos os seres humanos independente de religião, visão política, idade, sexo ou classe social, sendo, assim, intrínsecas à natureza humana e passíveis de qualquer indivíduo.

Logo, todos têm direito à memória, que nos é intrínseca, e, conseqüentemente, aos museus, lugares onde a memória ou as memórias de diferentes grupos está representada. A definição aprovada pelo ICOM em 2007 diz que os museus “estão a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento” e abertos ao público, ou seja, museus devem ser acessíveis.

ACESSO

Mas, o que é acesso? Vicky Woollard define muito bem essa palavra quando fala sobre acolhimento aos visitantes de museus. Para ele, acesso é dar “ao visitante a oportunidade de para utilizar instalações e serviços, ver exposições, assistir à conferências, investigar e estudar o acervo e conhecer o pessoal.”. Nessa perspectiva, não é pensado aqui somente a acessibilidade física, mas também a acessibilidade econômica, informacional, cultural, etc.. A questão é fornecer toda uma infra-estrutura para receber todos os tipos de visitantes, de diferentes níveis de interesse e com suas particularidades, um tipo de acessibilidade universal.

Vale lembrar que o artigo 37º da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que “Toda a pessoa tem o direito a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e a participar no progresso científico e nos benefícios que dele resultarem”.

ACESSIBILIDADE FÍSICA NOS MUSEUS BRASILEIROS

A maior parte dos museus brasileiros está em prédios que não foram construídos para serem museus. Geralmente são prédios originários de outras funções como fortes, residências, estações, igrejas e etc., a grande maioria, tombados por órgãos de proteção ao patrimônio. Dessa maneira, a acessibilidade física nesses espaços é, muito restrita, uma vez que além da função original do prédio, o tombamento recebido por esses espaços nem sempre viabiliza as adaptações necessárias.

Como museóloga do IBRAM, convivo diariamente com esses problemas. Minha fala será direcionada à vivência e adaptações ocorridas no Museu da República, meu local de trabalho e como participante do projeto desenvolvido pela professora Regina Cohen (UFRJ e IBRAM) para levantamento de dados e

preparação de um diagnóstico das condições de acessibilidade dos museus federais (IBRAM) da região fluminense.

DIAGNÓSTICO DE ACESSIBILIDADE DOS MUSEUS DO IBRAM

Em conjunto com a equipe da professora Regina, visita aos seguintes museus: na cidade de Paraty, o Museu de Arte Sacra e o Museu Forte Defensor Perpétuo; na cidade de Vassouras, o Museu Casa da Hera; na cidade de Petrópolis, o Museu Imperial; na cidade de Niterói, o Museu de Itaipu e na cidade do Rio de Janeiro, os Museus do Açude e Chácara do Céu e o Museu da República.